

THE PASS OVER ORDER: brief considerations on the foods of the jewish holiday of pesach

Bruna Stall Blaskiewicz

Estevan de Negreiros Ketzer

ABSTRACT: This work brings considerations related to the Passover seder. It is associated with Jewish identity combined with the experience of spending a night in this celebration. In the light of the anthropological studies of food by Maciel, Montanari and Souza, we think about the processes of incorporation of the Passover seder (keará). The delicacies that make up this celebration go beyond culinary practice and become a vehicle for interlocation of the chapters of the biblical Exodus in which the story of the departure of the Hebrew people from Egypt is narrated. The research sought historical records such as the Torah, illuminations from the Haggadah (oral narrative), to contemporary materials such as YouTube videos and books by Rabbis Jill Jacobs and Joseph Telushkin. We are going to shed light on what was lived by one of our researchers at a Pesach ceremony of the Lubavitch-Chabad line in the city of Porto Alegre, in 2022.

Keywords: Judaism; Identity; Gastronomy.

A ORDEM DA PASSAGEM: breves considerações sobre as comidas na festa judaica de pessach¹

Bruna Stall Blaskiewicz²

Estevan de Negreiros Ketzer³

RESUMO: Este trabalho traz considerações referentes ao sêder do Pessach associadas à identidade judaica aliada à experiência de passar uma noite nesta celebração. À luz dos estudos antropológicos da alimentação de Maciel, Montanari e Souza, pensamos os processos de incorporação do seder de Pessach (keará). As iguarias que compõem a esta celebração excedem a prática culinária e tornam-se um veículo de interlocução dos capítulos do Êxodo bíblico nos quais é narrada a história da saída do povo hebreu do Egito. A pesquisa buscou desde registros históricos como a Torá, iluminuras da Hagadá (narrativa oral), até materiais contemporâneos como vídeos no Youtube e livros dos rabinos Jill Jacobs e Joseph Telushkin. Daremos valor ao que foi vivido no Pessach, principalmente por um de nossos pesquisadores envolvidos, por estar durante uma cerimônia de Pessach na linha Lubavitch-Chabad, na cidade de Porto Alegre, em 2022.

Palavras-chave: Judaísmo; Identidade; Gastronomia.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Cozinheira, graduada em Gastronomia (UP-PR).
Email: blaskiewicz@gmail.com

³ Psicólogo clínico, escritor e professor. Doutor em Letras (PUCRS). Email: estevanketzer@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Comer é um ato de identidade, por meio do qual os homens podem se orientar e se distinguir. Por ser uma atividade social, a alimentação humana produz diversos sistemas alimentares. Na concepção desses sistemas, história, sociedade e cultura influenciam na escolha de representações e imaginários sociais. Assim, estando a alimentação humana impregnada pela cultura, podemos encarar os sistemas alimentares como sistemas simbólicos em que códigos sociais estão presentes, estabelecendo relações entre os homens e a natureza (MACIEL, 2005, p.49).

No processo de construção e afirmação dessas identidades, elementos culturais como a comida podem se transformar em marcadores identitários, apropriados e utilizados pelo grupo como símbolos de uma identidade reivindicada. É por isso que, mais do que simples hábitos e comportamentos alimentares, as cozinhas implicam modos de expressão de aspectos da vida próprio de cada grupo (MACIEL, 2005, p.50).

Em seu livro *Comida como Cultura*, Massimo Montanari elucida:

O homem escolhe a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. A comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la. (MONTANARI, 2008)

Desta forma, o que é colocado no prato, além de idealmente satisfazer nossas necessidades nutricionais, serve também para revelar pertencimento e reconhecimento social. Pode-se dizer que em termos de comida e identidade, o Judaísmo oferece um rico material de estudo. Das proibições aos banquetes religiosos, os alimentos têm um papel bastante evidente em materializar os preceitos da religião (SOUZA, 2022).

Sendo assim, nosso objetivo é abordar aqui algumas questões referentes à identidade judaica relacionadas à alimentação durante o Pessach (a Páscoa Judaica), considerando esta uma festividade através da qual essa comunidade marca sua distinção, se reconhece e se vê reconhecida. No judaísmo, O Pessach é comemorado entre os 14º e 22º dias de Nissan, primeiro mês do calendário Judaico, que equivale ao mês de abril do nosso calendário. A festa reúne todos os anos familiares e amigos em torno da mesa, onde se segue um cuidadoso ritual de preparação com orações e uma culinária específica para a ocasião. Essa refeição ritual e familiar, rica em simbologia e significados é, em outros termos, uma das maneiras pelas quais constrói sua identidade social (WOUK, 2002).

A presente pesquisa objetiva entender como a comida implica modos de expressão de um modo de vida próprio a determinado grupo. O estudo é de cunho qualitativo com enfoque exploratório. Para obtenção de dados foi consultado uma bibliografia sobre a cultura judaica, tais como os livros *The Art of Jewish Cooking*, de Jennie Grossinger (1958), *Hagadá de Pessach*, produzido pelo centro educacional Merkos L'Inyonei Chinuch (2014), e *Liturgia Judaica: Fontes, estrutura, orações e festas*, de Carmine di Sante (2004). Não apenas em livros nos mantivemos, pois tivemos a experiência de

campo junto a alguns membros da linha judaica Lubavitch-Chabad⁴, na celebração do ano de 5782 - ano 2022 do nosso calendário, na cidade de Porto Alegre. Quanto à discussão sobre o papel dos alimentos em materializar os preceitos da religião, usaremos como referência o historiador Massimo Montanari e a antropóloga Maria Eunice Maciel.

1- HISTÓRICA E EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA

Em uma comunidade pequena como a de Porto Alegre e altamente assimilada pelo cristianismo, pode ser interessante observar os elementos mantenedores do judaísmo: ir à sinagoga para formar o Minian (dez homens adultos nascidos de ventre judaico); manter-se atento às festividades; estar disponível para a comunidade e participar ativamente dela, propondo estudos ou mesmo apenas ajudando a montar a Suca (após o Rosh HaShaná - Ano Novo Judaico - e o Yom Kippur - Dia do Perdão - deve-se montar uma barraca - Suca - para nela serem comidas as refeições por sete dias) na Sinagoga. Mas existe uma outra formamuito importante que é simplesmente aprender a fazer Tzedaká (caridade). Dentro do termo Tzedaká encontramos a letra Tsade, a qual é identificada como a letra simbólica da justiça e do justo. O justo é aquele que age corretamente. O que é agir corretamente? Para o judaísmo Chabad é saber qual é a sua função no mundo, encontrá-la e estar com ela em seu coração, transmitindo aos outros um ensinamento. “Sempre convém falar de Torá à mesa.” Foi assim que me explicou Israel Tvorecki, meu amigo de muitos anos, com o qual sempre aprendo um pouco mais. “Falar de torá à mesa anima nossa alma, nos estimula a estarmos em contato com Deus. Deus é como a comida do Shabbath (sábado judaico), apresentando fartura.”

Para entender como a comida atua como veículo de expressão da identidade de um grupo, primeiro precisamos contextualizar historicamente a festividade em questão. Assim, devemos recorrer à Torá, isto é, os 5 primeiros livros do judaísmo nos quais encontram-se ensinamentos referentes às relações sociais, familiares e religiosas.

No capítulo 7 do livro de Êxodo (*Beresheit*) do Pentateuco Judaico (*Torá*), narra-se:

Assim diz o Senhor: Nisto você saberá que eu sou o Senhor: com a vara que trago na mão ferirei as águas do Nilo, e elas se transformarão em sangue. Os peixes que estão no rio vão morrer, e o rio vai cheirar tão mal, que os egípcios terão nojo de beber água dele. E o Senhor disse também a Moisés: — Diga a Arão que pegue o bastão e estenda a mão sobre os rios, os canais, os poços e os reservatórios, para que as suas águas virem sangue. Assim, haverá sangue até nas tigelas de madeira e nas jarras de pedra. Moisés e Arão fizeram como o Senhor havia mandado. Na frente do rei e dos seus funcionários, Arão levantou o bastão e bateu no rio, e a água virou sangue. Os peixes morreram, e o rio cheirou tão mal, que os egípcios não podiam beber água dele. E em todo o Egito houve sangue. (ÊXODO, 7:17-18)

⁴ Esta dinastia de rabinos se acerca dos ensinamentos do mestre ucraniano Baal Schem Tov, o qual durante o século XVIII ensinamentos mais místicos com a finalidade de renovar o judaísmo unindo-o mais fortemente à Cabala de Isaac Luria e dos ensinamentos do Rebe Schneur Zalman de Liadi. Há nesta linha uma tendência messiânica mais forte do que encontrada nas linhas liberais e conservadoras. Coube ao movimento Chabad ocupar o posto da linha mais comumente aceita das atuais ortodoxias judaicas contemporâneas. Aconselhamos o leitor a se inteirar melhor pelo site pt.chabad.com, com o artigo: “O Movimento Chabad-Lubavitch” (MOVIMENTO, 2022).

Essa foi a primeira das dez pragas a que o Egito foi submetido diante da recusa do faraó em libertar o povo de Israel. Após a transformação das águas do Nilo em sangue, seguiram-se infestação de rãs, piolhos, moscas, pestes no gado, úlceras, chuva de granizo, gafanhotos, três dias de escuridão e morte dos primogênitos. (ÊXODO, 7:19-29) (TORÁ, 2001, p.172) Antes da execução da décima praga, a morte dos primogênitos, Moisés (oprofeta designado para liderar a partida dos hebreus rumo à terra prometida) instruiu as famílias hebréias:

O animal escolhido será macho de um ano, sem defeito, e pode ser cordeiro ou cabrito. Guardem-no até o décimo quarto dia do mês, quando toda a comunidade de Israel irá sacrificá-lo, ao pôr-do-sol. Passem, então, um pouco de sangue nos umbrais e nas vergas das portas das casas nas quais vocês comerão o animal. Naquela mesma noite comerão a carne assada no fogo, com ervas amargas e pão sem fermento. (ÊXODO, 12:5- 8) (TORÁ, 2001, p.186)

A ação de sacrificar um cordeiro e molhar com o sangue do animal o umbral das portas de suas casas tinha como propósito demarcar os lares que não seriam atingidos pela passagem do anjo da morte, o mesmo que levaria consigo os primogênitos do Egito em cumprimento da décima praga. A decisão de acompanhar a carne deste animal de pães ázimos e ervas amargas se deve pela carga simbólica dessas comidas, a qual vai ser explorada mais a frente. Os escritos sagrados narram que à meia-noite, um anjo enviado por Deus matou todos os primogênitos egípcios, desde os dos animais até o primogênito da casa de Faraó. O faraó, temendo sofrer mais represálias daquele Deus que castigara todo o Egito, decidiu libertar o povo de Israel, fato este que deu início ao êxodo dos hebreus rumo à terra de Canaã. O Êxodo estabelece a celebração deste “dia de libertação” em “estatuto perpétuo”. (ÊXODO, 12: 5-31); (TORÁ, 2001, p.186)

A palavra *Pessach* significa “passar por cima”, no sentido de “poupar”. Essa expressão refere-se ao trecho do livro de Êxodo que ilustra, ao ser passado o sangue do sacrifício do cordeiro nos umbrais das portas das casas dos judeus, a vida dos seus primogênitos foi poupada da morte, o que não ocorreu com os primogênitos dos egípcios (ELWELL, 1998, p.101). Assim, esta data celebra a saída dos hebreus da tirania egípcia, comemorando a libertação de um povo em relação a seus opressores. Temos o ano novo do universo e o ano novo do povo judeu: o povo judeu tal como conhecemos hoje nasceu ali, no *Pessach*.

Contudo, tenha o nosso interlocutor o quanto o judaísmo é uma conversa entre pessoas genuínas. O valor do lar judaico é manter as tradições, mas ter a consciência o quanto elas também sofrerão com o tempo, o próprio povo judeu sofrerá com elas e terá de lutar muito para mantê-las (BONDER, 1998; KETZER, 2022). Esta espécie de luz advinda da paciência ao esperar o Messias é um dos marcos mais importantes para a continuidade da tradição: enquanto se espera, melhoramos o mundo. E este fato sempre deixou o judaísmo muito atrelado a uma dimensão mais material e histórica do que a uma dimensão metafísica. Contudo, a dimensão metafísica está em cada gesto que Deus quer de nós. O que ele quer de nós no Pessach, por exemplo? E lá fomos ao *Seder* (o jantar de Pessach) para celebrar com pessoas que também estão ali para aprender sobre suas tradições.

2- O SÊDER DO PESSACH

O seder é a refeição da noite de Páscoa, sendo esta a mais rica e mais solene entre todas as refeições hebraicas. O seder deve começar logo após voltar da sinagoga para casa, quando o prato do seder (*keará*) é preparado após o anoitecer. Existem algumas tradições em relação à disposição dos itens no prato do sêder. Mais comumente, a alface romana é colocada no centro, na posição das seis horas, seguida por, movendo-se em sentido horário, pela salsinha (colocada na parte esquerda inferior), um ovo cozido (no lado esquerdo superior), um punhado de ervas amargas (no lado superior), um osso de galinha ou cordeiro (do lado direito superior), e uma mistura de maçãs, nozes e peras (no lado direito inferior) (CHINUCH, 2014, p.11). Abaixo, podemos ver como fica a disposição de tais comidas:



Figura 1 - a disposição das comidas no *Keará* em texto de Ashley Kahn para a Talahassee Magazine

Além dos itens no prato do sêder, a mesa do sêder também deve ter três pedaços de pão asmo (*matzá*) embrulhados ou cobertos com um pano e um recipiente de água salgada ou vinagre para mergulhar os vegetais verdes (*karpas*). Este é um detalhe tão importante que alguns pratos de sêder possuem compartimentos especificamente para estas funções (JACOBS, 2011, p. 86).

A tradição estabelece catorze pontos nas quais cada palavra exprime um elemento particular no ritual, que deve ser seguido cuidadosamente. São elas:

1. o *kadesh*, no qual o jantar começa com a recitação do kidush sobre a primeira das quatro taças de vinho;

2. os *urcbats*, em que todos os presentes devem lavar as mãos;
3. as *karpás*, em que come-se uma folha de erva molhada mergulhada na água salgada;
4. os *yácbats*, no qual o pão ázimo (*matzá*) do meio da travessa do sêder é quebrado em duas partes desiguais; pondo uma metade novamente no centro e escondendo a outra metade;
5. o *baal hagada*, pai ou avô, enche uma segunda taça de vinho e antes de beber narra a libertação do Egito com histórias e cânticos;
6. os *rochts*, em que lavam-se as mãos;
7. o *hamotsi matsa*, no qual abençoa-se o pão ázimo (*matzá*) e come-se um pedaço;
8. o *maror*, em que come-se uma folha de erva amarga com um pouco do doce de maçãs e de nozes;
9. O charoset é uma pasta espessa, feita de maçãs raladas, amêndoas moídas ou batidas, algum tipo de noz, mel com um pouco de vinho;
10. seguido pelo *karpas*, em que come-se uma folha de erva amarga, desta vez com um pedaço de pão ázimo (*matzá*);
11. o *shulchan orech*, que anuncia a hora da ceia, que se inicia com o ovo cozido;
12. seguido pelo *tsafun*, em que come-se o pedaço de pão ázimo (*matzá*) que havia sido escondido previamente;
13. terminada a refeição, acontece o *berach*, no qual lavam-se as mãos mais uma vez e recita-se uma prece, bebendo o terceiro copo de vinho;
14. Então no *halel* agradece-se a Deus pela ceia pascal através da qual se reviveu o milagre da liberdade. Enche-se a quarta taça de vinho, que se bebe depois de ter recitado os salmos. No fim de tudo abre-se a porta, para favorecer a entrada de Elias, o mensageiro;
15. Enfim, no *nirtsá*, anuncia-se o final da ceia pascal e pede-se a Deus que seja sempre o libertador de Israel (CHINUCH, 2014, p.7).

Ao lermos estes 15 pontos em sequência também entendemos porque se chama de *Seder* este jantar. *Seder* significa ordenamento ou ordenação, por em ordem as coisas. O mundo é organizado como em um *Seder*: cada coisa tem seu lugar e seu momento na tarefa de Deus. Podemos até dizer que este fato une religião e alimentação, pois é com o Pessach que vemos surgir também a palavra religião como *Dat* - formada pelas letras hebraicas *Dalet* e *Tav*. Individualmente *Dalet* é porta e *Tav* é morte. A morte na porta foi o ato de Deus para discriminar os judeus dos egípcios no dia da passagem do anjo da morte no êxodo para o deserto. Por esta razão este feriado é tão importante, pois também é entendido como o mês 1 do calendário judaico, chamado de Nissan.

Apesar de serem 15 pontos bem simples de serem organizados, na mesa de meu amigo as coisas não foram bem assim. Sua mãe estava lá e por vezes estava cansada com cada explicação da história do êxodo do Egito. “Eu to com fome!”, seus dois filhos também estavam impacientes. A maioria ali queria muito comer, pois esta cerimônia, com duração média de 4 horas, dificultava em muito a saciedade. Cada alimento degustado deveria ser “entendido” também. Ao comer o

charoset, senti aquele alívio do amargo e estava tentando manter a concentração na figura de nosso anfitrião, que por sua vez tentava fazer a cerimônia pelo modo *chabad*, portanto, focando mais nos ensinamentos, parte por parte do êxodo. “Silêncio, pessoal!” Disse ele já demonstrando sinais de brabeza. A cerimônia já estava para lá das 23h. A esposa de Israel, Elisa dormia enquanto seu filho menor, Davi bagunçava toda a mesa. Na minha frente estava Guilherme Comelli, diretor do teatro da Hebraica de Porto Alegre. Ele e eu já éramos amigos de muitos anos, mais ainda de Israel, mas percebia a ansiedade em todos ali na mesa. Admito que estava com fome, mas não queria estragar a celebração com meu desejo de comer. Algo que aprendi muito com Israel foi aprender a esperar para encontrar algo melhor. Antropologicamente falando, aprender o judaísmo passava a ser aprender o judaísmo dentro de mim. “Como um pai que fala ao seu filho que o ama.” Israel utilizava esta metáfora, ainda que seja muito óbvia sua relação com a outorga da Torá, e de Deus como Pai, ela me tocava profundamente. Será que eu aprendi a ser um bom filho? Consegui colocar meu egoísmo de lado e ir para a terra de leite e mel (*halav vedavash*) (ÊXODO, 3:8); (TORÁ, 2001, p. 268)? Já não era de agora que o judaísmo também servia para eu buscar quem eu era, como eu era, para organizar o desconhecimento e fazer isso simplesmente seguindo os passos de Moisés pelo deserto do Egito, há 3200 anos atrás.

3- POR DETRÁS DA COMIDA

O conteúdo da memória judaica teria tido fundamento, primeiramente, na fonte bíblica, e, posteriormente, nas cerimônias que evocam esses acontecimentos. Durante o seder, não contamos apenas a história do Êxodo, vemos, cheiramos, sentimos e provamos a libertação. O prato do seder indica a execução de um rito, momento de passagem da oralidade aos atos, que marca a eficácia da manutenção da memória através da realização de gestos ligados a uma mitologia específica. Vários elementos dessa experiência sensorial aparecem como peça central durante essa celebração. Todos os itens do prato do seder tem um porquê em estar ali, cada um simbolizando uma parte da história da libertação dos hebreus (BELMAIA, 2017, p.547).

O primeiro destes itens é comer um vegetal verde (*karpas*), na maioria das vezes salsa. No decorrer do seder, mergulhamos os *karpas* em água salgada ou vinagre para representar tanto a esperança do novo nascimento quanto as lágrimas que os escravos israelitas derramaram sobre sua condição (TELUSHKIN, 1991, p. 654).

O segundo destes itens é uma pasta doce de frutas (*haroset*). Esta mistura de frutas, vinho ou mel e nozes simboliza a argamassa que os escravos israelitas usavam para construir edifícios para o Faraó. O próprio nome vem da palavra hebraica para “barro” (*cheres*). Judeus Ashkenazi geralmente incluem maçãs em haroset, uma referência para a tradição de que as mulheres israelitas iam aos campos e seduziam seus maridos sob as macieiras, desafiando as tentativas egípcias de impedir a reprodução separando homens e mulheres. As receitas sefarditas de haroset aludem a esse simbolismo

da fertilidade ao incluir frutas, como tâmaras e figos, mencionadas no *Cântico dos Cânticos* (*shir hashirim*), o livro bíblico com maior número de citações sobre o amor entre Deus e o povo de Israel (TELUSHKIN, 1991, p. 658).

O terceiro deste item é a erva amarga (*maror*). Esta erva amarga nos permite saborear a amargura da escravidão. Com o passar dos anos, o vegetal escolhido para o maror foi se adaptando de acordo com a disponibilidade local, sendo hoje comum famílias usarem desde rábano até folhas amargas como a escarola e a chicória para este fim. Seja como for, é esperado que ele seja mergulhado no haroset para associar a amargura da escravidão ao trabalho que causou tanto dessa amargura (CHINUCH, 2014, p.13). Este elemento, além de constar na *Torá*, ganhou sua própria iluminura na Hagadá de Lombardia, cuja impressão é a mais antiga que se tem registro.



Figura 2 - Homem segurando um maço de *maror*. *Les Enluminures*, New York, NY

O quarto item é a segunda erva amarga (*chazeret*), muitas vezes alface romana. Esta segunda erva amarga é usada no *korech* ou no sanduíche Hillel, que consiste em *matzá*, ervas amargas e frequentemente *charoset*. Muitos judeus usam rábano para maror e alface romana ou outro verde amargo para *chazeret*. Outros, porém, não incluem *chazeret* no prato do sêder (CHINUCH, 2014, p.14).

O quinto item é um osso de galinha ou de cordeiro (*zeroa*). O zeroa não desempenha um papel ativo no seder, mas serve como um lembrete visual do sacrifício que os israelitas ofereciam imediatamente antes de deixar o Egito. Os vegetarianos muitas vezes substituem o osso por uma beterraba assada, uma vez que o vermelho da beterraba se assemelha ao sangue do sacrifício (TELUSHKIN, 1991, p. 658).

O sexto item é o Beitzah, isto é, um ovo cozido. Uma das inúmeras ideias relacionadas com o ovo colocado como símbolo na travessa do sêder é de que, normalmente, um alimento quanto mais é

cozido, mais macio se torna. No caso do ovo é o contrário; quanto mais se coze, mais duro se torna. Assim é o povo judeu: quanto mais é oprimido ou afligido, como ocorreu no Egito, mais fortalecido e numeroso se torna. O formato do ovo também representa o ciclo da vida – mesmo nos momentos mais dolorosos, sempre há esperança de um novo começo (GROSSINGER, 1958).

Além destes, um alimento muito importante na noite de Pessach, mas que não constitui o prato do seder, é o pão ázimo. Como vimos, o Pessach tem suas próprias especialidades, porém, muitos alimentos do dia-a-dia são especificamente proibidos durante esse período. O fermento, por ter a função de mudar a natureza do pão, é visto como um ingrediente impuro e inadequado em festas e dias sagrados. Além disso, a ingestão do pão ázimo serviria para relembrar os judeus que, na pressa de deixar o Egito, não puderam deixar o pão fermentar. Por esse motivo, durante a festa só é permitido o consumo de pão ázimo. Outro aspecto desta festividade são os quatro copos de vinho bebidos em vários pontos durante a recitação da Hagadá. Caso algum dos presentes não consuma bebidas alcoólicas, faz-se a substituição por suco de uva (GROSSINGER, 1958).

“Certo, já podemos comer nosso sanduíche de *matsá*!”

Finalmente comer à vontade. Comemos a *matsá* com *charoset*, mas não era em grande quantidade. Na verdade, a comida no Pessach é muito sem graça, amarga, destituída de sabor. Mas porque a *matsá* fica tão boa? “Em Israel eles comem farinha de batata no lugar do *chametz*⁵.” Disse Israel muito feliz. Ele não apenas conduzia a cerimônia com tranquilidade como reconhecia o gosto diferente desta época do ano. Ele disse para todos na mesa: “Para nós judeus comer *matsá* não é ruim, mas é algo que fazemos com gosto. Ela tem um gosto diferente nesta época do ano que todos gostamos de sentir.”

Para mim, aprender a sentir o gosto das coisas era muito importante. Na verdade, viver um judaísmo diferente do dado por meus pais, mais livre e feliz, também parte de uma herança a qual eu ainda não entendia bem. Na mesa posta do Pessach concorrem muitos judaísmos: os dos amigos, os que tiveram de seus pais uma parte meramente ritualística, os que tiveram a parte mais cabalística, os que não tiveram nada, os que eram *Goyim* (gentios ou não judeus), mas se conectavam de maneira encantada com algo que não entendiam bem. Cada um da sua forma estava agora ali enfrentando o Egito.

4- COMIDA E IDENTIDADE

O ato de lembrar tornou-se imperativo no judaísmo: é através da lembrança que os acontecimentos constitutivos para a formação desse grupo não se perdem com o passar das gerações. Ainda que espalhados pelo mundo devido à diáspora, tradições religiosas como o Pessach mantêm o povo judaico ligado às suas origens, preservando sua identidade através de símbolos e ritos nos quais a sua fé está presente. Nestas tradições, chama a atenção a relação dos judeus com a comida.

O ato de lembrar a criação de um povo através de uma narrativa sustentada pela comida fez desta uma cozinhas diferenciada, uma maneira culturalmente estabelecida, codificada e reconhecida de

5 Chametz é a fermentação de certos cereais que fermentam após 18 minutos em contato com a água. Por esta razão é proibida a ingestão de trigo, aveia, cevada, centeio e espelta durante os 7 dias de festividade (ASHERI, 1995).

se alimentar, das quais os pratos são elementos constitutivos. É uma cozinha emblemática, que por si só representa o grupo. O emblema, como uma figura simbólica destinada a representar um grupo, faz parte de um discurso que expressa um pertencimento e, assim, uma identidade (MACIEL, 2005, p.50).

A cozinha de um grupo é muito mais do que um somatório de pratos considerados característicos ou emblemáticos. É um conjunto de elementos referenciados na tradição e articulados no sentido de constituí-la como algo particular, singular, reconhecível ante outras cozinhas. A construção da cozinha de qualquer unidade de pertencimento (seja um país, seja uma região, um grupo étnico ou outro conjunto) segue caminhos diferentes, dadas as suas condições históricas. Assim, ao se focalizar essas cozinhas deve-se, necessariamente, levar em consideração o processo histórico-cultural, contextualizando e particularizando sua existência (MACIEL, 2005, p.50).

À mesa, são dispostas comidas ricas em simbolismo, a fim de se trazer à memória essa experiência. Apesar de cada uma destas iguarias desempenharem um papel claro no prato do sêder, não devemos nos limitar a interpretar a história contada através delas pelo seu sentido literal apenas, mas por aquilo que traz implícito. Entende-se a saída do Egito como o desvencilhamento daquilo que nos aprisiona, e poder começar a ir pelo nosso coração, e ir para o nosso coração exige que a gente vá com pouca coisa, nós vamos com o que temos a mão para ir ao deserto. Isso é parte da jornada do ser humano na terra. Esse ensinamento ainda toca nos dias de hoje: o nosso ego, os nossos desejos mais primitivos eles endurecem a nossa vida, e ficamos com dificuldade de sentir qual o seu sentido. Isso é tão forte que tem um feriado para isso, o feriado do renascimento, de poder sair do Egito.

CONCLUSÃO

As tradições aparecem em nossas vidas. Nos mostram pontos cujo sentido só talvez fique claro com um certo passar dos anos. Sair do deserto não é apenas algo simples. Gerou medo demais no cerne de cada judeu. Afinal é o momento de rever conceitos, sair do lugar determinado pela nossa cabeça como o lugar adequado, aquele que imaginamos ser o nosso lugar definitivo.

Comer é um milagre para toda a cultura judaica em geral, mas comer naquela mesa específica do Pessach é ir mais além, também deixar a tradição me tirar do meu lugar de pertencimento, do meu Egito, do meu pai ideal. Construir um caminho em meio à desolação. Isso também significa Pessach para cada ano de vida de quem ali se conecta com esta celebração. Aliás, celebração é entendida como dia bom (*iom tov*), pois é um dia para nos aproximarmos de algo que Deus quer nos ensinar especificamente neste dia e não em outros.

É esta a reconstituição simbólica da história de saída do Egito narrada parte de uma revelação maior sobre uma passagem de mentalidade. O mês de Nissan é também o mês 1 por ser o começo do tempo, da presença de religião, da ligação dos homens por algo maior, atribuindo um significado transcendente que dê sentido à vida humana.

Tal como a teoria da polifonia segundo James Clifford (1986): inúmeras vozes compõe o campo do etnólogo, mas elas também são vistas em um momento do campo, momento este descrito

intensamente com a atividade do etnógrafo em benefício da sua experiência. Entre cozinhar, comer e não comer, ou mesmo não comer, temos instâncias e percepções fragmentárias sobre a realidade. Talvez só nos reste o simbólico a representar um grupo, faz parte de um discurso de pertencimento (MACIEL, 2005, p.50).

Na tradição judaica Deus guia os homens. O que guia não se sabe exatamente o que é. Ele vem para nós, cada um com uma missão particular. Assim também segue a culinária do povo judeu, particular e com aspectos próprios. Com o gosto de certa coisa que você pode não estar entendendo, mas ele está ali ainda assim. A passagem da comida para o cultivo de virtudes (segulot) é algo ainda hoje inspirador para o cristianismo e o islamismo, religiões monoteístas as quais a simbologia torna-se uma necessidade de se comunicar com o mundo e sua fria externalidade. Dar sentido é dar gosto à vida. Fazemos um brinde (*LeChaim*) de maneira a celebrar o milagre inexplicável de estarmos vivos. Por isso também continuamos vivos por mais um ano.

REFERÊNCIAS

ASHERI, Michel. **O judaísmo vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes**. Trad. Octávio de aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BELMAIA, Nathany Andrea. **Do Pessach à Pascha: ressignificação dos significantes da Páscoa judaica pela Páscoa cristã**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017 Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/27412/21287>. Acesso em 16/03/2022.

BONDER, Nilton. **A Alma Imoral**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CHINUCH, Merkos L'Inyonei. **Hagadá de Pessach**. Trad. **Rabino Schmul Osher Begun**. Nova Iorque: Lubavitch, 2014. Disponível em: <http://www.chabad.org/media/pdf/884/iuny8845325.pdf>. Acesso em 16/03/2022.

CLIFFORD, James. **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: The University of California Press, 1986.

DRSAMUELS. **Kadesh Urchatz: Passover Seder steps with hand-gestures**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p9sRQnPWMf8&t=11s>. Publicado em 8/04/2012.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Vol III. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998.

GROSSINGER, Jennie. **The Art of Jewish Cooking**. Nova Iorque: Bantam Books Inc, 1958.

JACOBS, Jill. **Where Justice Dwells: A Hands-on Guide to Doing Social Justice in Your Jewish Community**. Vermont: Jewish Lights Publishing, 2011.

KAHN, Ashley. **Traditional seder meal tells the tale of a welcoming people**. Talahassee: Talahassee Magazine. Disponível em: <https://www.tallahasseeemagazine.com/traditional-seder-meal-tells-the-tale-of-a-welcoming-people/>. Acesso em 16/03/2022.

KETZER, Estevan de Negreiros. **Construir uma alma imortal**. Arquivo Maaravi, v. 16, p. 01- 03, 2022.

LES ENLUMINURES. **The Lombard Haggadah**. Nova Iorque, 2019. Disponível em: https://www.lesenluminures.com/usr/library/documents/main/les-enluminures-the-lombard-haggadah-press-release_final.pdf. Acesso em 16/03/2022.

O Movimento Chabad-Lubavitch. In: PT.Chabad.Org, 2022. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/602732/jewish/O-Movimento-Chabad-Lubavitch.htm. Acesso em: 10/10/2022.

MACIEL, Maria Eunice. **Olhares antropológicos sobre a alimentação: Identidade cultural e alimentação**. In: CANESQUI, Ana Maria.; GARCIA, Rosa Wanda Diez (orgs.). **Antropologia e**

nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-03.pdf>. Acesso em 16/03/2022.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura.** São Paulo: Senac, 2008.

SOUZA, Patricia Rodrigues. **Religião e Comida: Como as práticas alimentares no contexto religioso auxiliam na construção do Homem.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1924/1/Patricia%20Rodrigues%20de%20Souza.pdf>. Acesso em 16/03/2022.

TELUSHKIN, Joseph. **Jewish Literacy : The Most Important Things to Know About the Jewish Religion, Its People, and Its History.** Nova York: HarperCollins Publishers, 2008.

TORÁ. Inglês. **The Torah: The Five Books of Moses.** Tradução de Harry M. Orlinsky. Skokie: The Jewish Publication Society, 2001.

WOUK, Herman. **Este é o meu Deus: A maneira judaica de viver.** São Paulo: Editora Sêfer, 2002.